

Não houve jeito de manter a multidão a distância. Bem que a Polícia Militar tinha esse objetivo. Desde as primeiras horas da manhã, cerca de 500 homens da PM estavam perfilados nos dois lados da avenida Pedro Álvares Cabral, mas a pressão de silêncio, da emoção, se mostrou muito maior do que a tentativa de imposição de uma despedida fria. Os paulistas, presentes ali aos milhares, queriam despedir-se de seu presidente de perto. E conseguiram.

Eles ignoraram o pretenso isolamento. Tomaram todos os espaços da avenida, ocuparam as calçadas e fizeram com que os policiais sumissem ali no meio do povo, pacífico e ordeiro. Os PMs nem precisaram agir para manter a ordem. Não houve necessidade disso.

A avenida Pedro Álvares Cabral era mais uma etapa da viagem que o carro do Corpo de Bombeiros fazia desde o Instituto do Coração do Hospital das Clínicas até o Aeroporto de Congonhas, transportando o corpo do presidente Tancredo Neves. Ele seguia lentamente, precedido por um grande número de motociclistas, cercado e acompanhado por milhares de pessoas e seguido, muitos metros atrás, por uma fila de limusines pretas que levaram autoridades e parentes de Tancredo; entre eles dona Risoleta Neves. Logo identificada, ela continuou recebendo manifestações de carinho e solidariedade dos paulistanos. Várias pessoas olharam para ela e, comovidas, apertaram as mãos junto ao coração, numa forma de mostrar que também estavam sofrendo. Dona Risoleta olhou e balançou a cabeça, demonstrando que entendia a mensagem.

Espera

«Eram cerca de dez horas da manhã quando o cortejo começava a passar pela avenida Pedro Álvares Cabral. Desde as sete já havia gente ali, à espera. Eram casais, pessoas sozinhas, famílias inteiras que queriam dar seu adeus ao presidente. Bandeiras eram agitadas, muita gente chorava. Aos milhares, os olhos vermelhos daquele povo seguiam o carro de bombeiros.

O corpo do presidente Tancredo Neves aproximava-se do monumento do Soldado Constitucionalista. Junto ao meio-fio, Maria Auxiliadora Cicchi, 60 anos, do Pari, puxava um terço em voz alta, seguida por muitas pessoas que rezavam em voz alta. A poucos metros, um grupo de presbíteros cantava hinos que acompanhava segurando livros de capa preta.

De uma arquibancada erguida na avenida para abrigar o público de uma maratona que seria realizada no domingo, mas acabou sendo cancelada por causa do agravamento da saúde do presidente, muita gente acompanhava o carro de bombeiros. Parte era formada por um grupo de jovens do PC do B, que chegou pouco antes das oito horas, cantando o Hino Nacional. Durante todo o tempo de espera pelo carro que traria o corpo do presidente, eles continuaram manifestando sua emoção com muito barulho.

Mas, ao longo da avenida, a espera realizava-se em um clima de poucas palavras. Às vezes, o silêncio até incomodava. Era um silêncio de tensão, de tristeza de gente como Neide Aparecida Martins, 47 anos, e Antonia Maria de Jesus Lúcio, de 52 anos. Elas vieram de Santo Amaro, de táxi, e seguravam as bandeirinhas que compraram no caminho. Queriam prestar "a última homenagem", como dizia Antonia, enxugando as lágrimas.

Víamos para mostrar o amor à nossa pátria, depois de tanta luta por esse homem. Isso fica em nossos corações. Ele se foi, mas na nossa memória continua vivo.

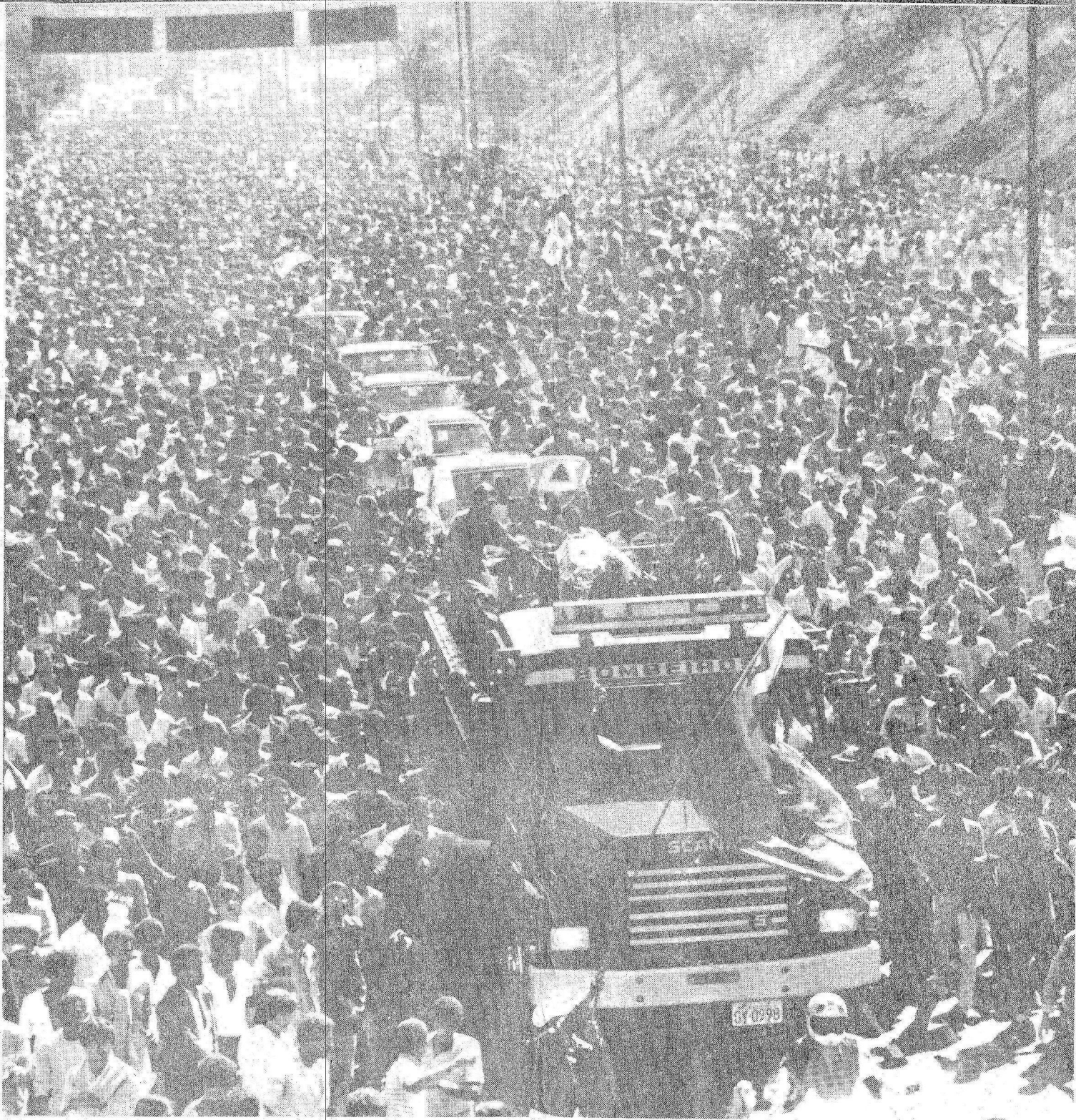
Tinha lugar para todos naquela despedida. Até para Carolina Teixeira. Bandeirinha na mão direita, chapéu de jornal na cabeça, Carolina tinha um firme objetivo: dar a flor de papel crepom verde e amarela que trazia presa à blusa para ser colocada em cima do caixão do presidente. «Eu gostava dele, porque era nosso presidente. Ele não podia morrer». Carinha de anjo, Carolina estava encantada com seu objetivo: ela tem apenas sete anos de idade.

(Quando o cortejo passou por onde estavam, Carolina e seus pais acompanharam parte da multidão e correram até o carro de bombeiros. Daí a pouco ela teve sucesso: conseguiu entregar a flor ao secretário de Imprensa, Antônio Brito, que, segundo ela, lhe prometeu colocar a flor na urna do presidente.)

Parada cancelada

O cortejo fúnebre deveria ter parado por alguns instantes em frente ao obelisco, para uma salva de 21 tiros de obus. Foi o que se informou desde a madrugada, mas a parada acabou sendo cancelada, o que deixou o povo frustrado. Se acontecesse, haveria muita dificuldade para colocar o carro em movimento de novo, por causa da multidão que se concentrava ali.

Essa parada serviria também para que houvesse uma despedida simbólica ao presidente Tancredo Neves por parte de muitos políticos paulistas, ao som da salva de tiros e da "Marcha Fúnebre", de Chopin, executada pela Banda da Polícia Militar. A música foi tocada, mas pouca gente chegou



Lágrimas na manhã de sol. Mas também esperança.

Nas avenidas Pedro Álvares Cabral e Rubem Berta, a emoção de milhares de pessoas no último adeus a Tancredo. E a esperança na continuidade de seu trabalho.

a ouvir, por causa do barulho dos helicópteros e das vozes da própria multidão que seguia o cortejo, gritando mais alto frases como "um dois três, quatro cinco mil, Tancredo ainda é o presidente do Brasil".

Os políticos e autoridades ocupavam um palanque armado em frente ao obelisco. Eram secretários estaduais e municipais, vereadores, deputados estaduais. Estes, antes, se reuniram na Assembléia Legislativa, localizada na própria avenida Pedro Álvares Cabral, e dali seguiram a pé até o palanque.

Os deputados, de todos os partidos, já na véspera haviam sido convocados para estar na Assembléia logo às oito horas da manhã. Ali eles permaneceram durante bom tempo, no salão nobre da presidência da Assembléia, assistindo à TV, onde viam as cenas mostradas ininterruptamente lembrando a vida de Tancredo Neves.

Foi uma espera tranqüila, e triste. Aluisio Nunes Ferreira, líder do PMDB na Assembléia, comentou que, sem Tancredo, surge um vazio político que precisa ser preenchido com uma atividade concreta do governo na realização do programa elaborado por ele. Disse o deputado, porém, que podem aparecer dificuldades, as quais terão de ser superadas.

— Tancredo tinha seu estilo pessoal de fazer política, ouvir muito, conversar. E todos os entendimentos nos quais se envolvia tinham a marca insubstituível de sua personalidade. Sarney, agora, terá que encontrar seu próprio caminho. O importante é que, em seu discurso, ele frisou bastante os compromissos assumidos por Tancredo como sendo os dele.

Às nove horas, a grande maioria dos 84 deputados estaduais começou a se dirigir ao palanque, de onde, mais de uma hora depois, assistiram à passagem do cortejo, vários deles chorando, emocionados. Alguns preferiram acompanhar o cortejo com mais proximidade, fora do palanque. Como Ruth Escobar, do PMDB, e Geraldo Siqueira Filho, líder do PT. Siqueira afirmou que "as qualidades pessoais de Tancredo são intransferíveis".

— Ele tinha uma capacidade de coesão, uma respeitabilidade construída em décadas e um carisma agora difíceis de substituir. Mas o povo brasileiro terá de aprender a andar com suas próprias pernas. O único caminho, agora, é a Constituinte e, no meu modo de ver, a convocação das diretas o mais breve possível.

O palanque das autoridades virou centro de atenção quando um grupo de pessoas

passou pela avenida cantando o Hino Nacional e acabou sendo aplaudido pelos políticos. Estes, a cada entrevista, procuravam mostrar sua confiança na Nova República, mesmo com a ausência de Tancredo Neves. O secretário da Cultura, Jorge Cunha Lima, lembrava palavras do presidente:

— Ele dizia claramente que o fundamental é a manutenção das instituições. A República tem que se estruturar no tripé do Executivo, Legislativo e Judiciário, senão desaparecerá. Há uma disposição para que isso se cumpra porque a vontade de Tancredo correspondia à vontade do Brasil, e não a uma aspiração pessoal.

Dois secretários da área econômica, José Serra, do Planejamento, e Marcos Fonseca, da Fazenda, apostavam na continuidade do apoio da Aliança Democrática ao presidente José Sarney. Serra dizia que o discurso de Sarney à Nação havia sido muito claro, em relação às "principais linhas do programa econômico de governo da Aliança Democrática". Falou que é preciso enfrentar a crise econômica "de maneira decidida e definida" e defendeu um melhor aproveitamento de recursos para programas sociais.

Já o secretário dos Negócios Metropolitanos, Almino Afonso, comentou que, au-

sente, Tancredo Neves "projetará de tal forma a sombra de sua personalidade sobre o momento nacional, que nada se fará ao longo desta transição que não tenha como parâmetro seu discurso, sua mensagem, seus projetos". Ele disse que Tancredo tinha uma estatura política muito mais alta e abrangente do que a de Sarney. "Mas os homens crescem conforme os desafios que lhes são impostos. O presidente Sarney precisa e pode exercer o grande papel de liderança política nesta hora de transição democrática."

Preocupação

Sem o impedimento do cordão de isolamento, as pessoas ocuparam toda a área verde do obelisco e até a marquise do prédio que Ibirapuera, escalando ainda o prédio do Museu da Aeronáutica. Os policiais tiveram um momento de maior preocupação apenas quando a marquise foi invadida. Na primeira tentativa, conseguiram fazer com que todos descessem. Mas, na segunda, acabaram desistindo e pedindo para que as pessoas que estavam em baixo tomassem cuidado, alertando para as colunas finas que sustentam a marquise.

(Depois que o cortejo passou pelo palanque oficial, os enfermeiros de duas ambulâncias do Hospital Municipal estacionadas nas proximidades começaram a trabalhar. Uma gestante foi atendida com falta de ar; uma mulher, emocionada, teve de receber um sedativo; uma criança caiu de uma motocicleta e foi levada para o pronto-socorro; e uma senhora, com taquicardia, também teve de ser conduzida ao hospital.)

Da Pedro Álvares para a Rubem Berta, também tomada pelo povo. Nessa avenida, sob o forte sol, havia espaço para a descontração e inocência de crianças que passeavam com suas bicicletas e skates, até que chegaram as motos à frente do cortejo. Depois delas, algumas viaturas policiais. E finalmente o carro de bombeiros, levando o corpo do presidente Tancredo Neves. (Cheiro, palmas, gritos: reações que se repetiam de metro em metro na avenida.)

"Nunca vi o que vejo agora, essa multidão toda aqui na avenida prestando a sua homenagem." Pedro Cirino de Almeida, 64 anos, aposentado da PM, estava surpreso. Ele trouxe sua emoção desde a cidade de Nova Odessa, interior paulista, onde mora e de onde veio especialmente para assistir à despedida do presidente.

Emoção e confiança

A emoção de Pedro se juntava à confiança de Stalin Chammos, 40 anos, professor universitário: "Vejo este momento com tristeza e esperança em que o processo democrático continue. Sarney já deu provas disso, principalmente no seu discurso de domingo, em que disse 'serei mais que eu mesmo'. Ao lado de um povo mais unido, independentemente de facção política, Sarney tem um compromisso com a reforma agrária, política e social". Seu filho Alexandre, de oito anos, disse que gostaria de que Tancredo fosse presidente do Brasil. "Nos rezamos muito por ele na escola. A vida sem ele será mais difícil".

Todos os lugares eram procurados pelo povo para poder ver a passagem do cortejo. A certo instante, cinco PMs se encarregaram de proibir a permanência de algumas pessoas (exceto jornalistas), sobre uma passarela. Gentilmente eles pediram para que as senhoras, senhores e crianças (diversas com bicicletas) descessem e vissem o cortejo das calçadas da Rubem Berta. Não houve problemas. As pessoas entenderam que o excesso de peso poderia representar um risco e desceram.

(Os PMs ficaram ali, conversando sobre política, sobre liberdade, sobre greves, sobre o futuro. Sem querer se identificar, garantiram que "se o governo é flexível", tudo fica mais fácil. "A gente enfrenta muitos problemas. Tenho colegial, mas não posso votar. Até alfabeto vai votar! A PM não tem estatuto. A PM tem de estar ao lado do poder. Pessoalmente, não gosto de reprimir grevistas, por exemplo. Mas se mandarem reprimir, sou obrigado. É uma barra.")

A poucos metros da passarela, um retrato da emoção. Uma mulher com os olhos verdes marejados, a boca tremendo, a fala presa. É Brígida, vereadora no Embu. Ela estava ao lado de Mauro Duarte, vice-presidente do PMDB na mesma cidade. Havia acabado de chegar. Brígida quis evitar, mas chorou durante a entrevista: "A gente ainda chega lá".

Esperança de Brígida, como a de dona Leila Maria de Oliveira, 33 anos. Leila tinha um motivo especial para estar assistindo ao cortejo, ao lado dos três irmãos. Era coterânea do presidente: mineira, nasceu em São João del Rei, a cidade de Tancredo. Dizia lembrar-se dele, quando Tancredo fazia comícios em sua cidade, em cima de um caminhão. "Eu devia ter uns dez anos." Triste, lamentava a morte.

— É uma perda irreparável. Mas Tancredo deixou esperança.

Esperança que seguiu, com aquelas milhares de pessoas, o corpo de Tancredo, num caixão coberto pela Bandeira Brasileira. Daí, rumo ao Aeroporto de Congonhas, a Brasília, depois a Belo Horizonte. E, finalmente, São João del Rei, a última escala dessa longa viagem.

L.S./R.B./V.C.D./C.A./E.L.M./M.R.O./R.P.S.



A Rubem Berta (foto maior), a praça do obelisco (à esquerda), a bandeira: cenas do cortejo.

